Roteiro Encantadeiras

o canto e o encanto das quebradeiras de coco

|  |  |
| --- | --- |
| VÍDEO | ÁUDIO |
| Black – Entrada de logos | Voz Homem: Boa noite!  Estamos essa noite aqui trazendo um grupo muito especial.  O grupo é formado por oito mulheres que trabalham na quebra do coco de babaçu desde a infância.  E hoje também exercem o importante papel de liderança na defesa e valorização do trabalho das quebradeiras. |
| Integrantes do grupo encantadeiras se encaminham para se apresentarem. | na preservação e na garantia de acesso às áreas de ocorrência da palmeira do babaçu.  São elas: Dora, Moça e Cilene, de Lago do Junco, Maranhão; Nice de Penalva, do Maranhão; Dijé, de São Luís Gonzaga, do Maranhão; Iracema, de São Domingos do Araguaia, Pará e Nonata, de São Miguel, Tocantins. Com vocês, as catadoras de coco de babaçu do Maranhão. |
| Quebradeiras no palco posicionadas para começar a apresentação.  Elas cantam diante de platéia  Encantadeiras agradecem | Música - Canto da Quebradeiras  Ei, não devora os palmerais  Tu já sabes que não podes derrubar,  precisamos preservar as riquezas naturais.  O coco é para nós grande riqueza, é obra da natureza,  ninguém vai dizer que não  Porque da palha se faz casa pra morar,  já é um meio de ajudar a maior população.  **Dona Dijé:** Acho que no início, nas nossas primeiras apresentações como Encantadeiras, acho que quando a gente subia no palco dava um frio na barriga.  Porque a gente tava fazendo ali uma coisa que a gente fazia nas nossas reuniões, nas nossas assembléias, nos nossos encontrões.  Mas era com o nosso público, era para as quebradeiras junto. E aí a gente já estava nos apresentando para um público diferenciado.  Mas dava sempre um friozinho na barriga.  Hoje a gente já faz mais solto, a gente tem confiança naquilo que a gente está fazendo. Além de cantar, além de se apresentar, nós temos uma responsabilidade.  Música - Canto da Quebradeiras  Tu já sabes que não pode derrubar  precisamos preservar as riquezas naturais  Som de aplausos |
| Tela Preta - Título  Encantadeiras – o canto e o encanto das quebradeiras de coco | Som das quebradeiras cantando dentro do carro |
| Interior da Van – Quebradeiras cantam durante a viagem. | Eu sou quebradeira  Vim para lutar!  Pelos meus direitos  Eu vim reivindicar!  Mais educação e saúde  Pra toda nação!  Eu sou quebradeira  Sou mulher guerreira,  Venho do sertão!  Mais educação e saúde  Pra toda nação!  Eu sou quebradeira  Sou mulher guerreira,  Venho do sertão! |
| Quebradeiras dentro da van cantam – Estrada e paisagem ao longo do caminho  Quebradeiras dentro da van –falam para a câmera | Falas em off das quebradeiras  - A gente já se conhecia através do MIQCB  Que é uma associação de mulheres  quebradeiras de coco  e interestadual das quebradeiras de coco,  que são quatro Estados: Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins.  Em todo o evento que acontece,  a gente está lá, fazendo animação.  Tem uma assembléia, tem um seminário,  tem um grito da Terra Brasil…  qualquer coisa que tiver a gente tá lá fazendo animação.  Aí foi vendo, tirando cada pessoa…  Aquelas pessoas que gostam, porque tem muita gente que canta,  mas não é todo mundo que gosta de sair,  não é todo mundo que topa a parada né, para sair  Aí surgiu a história de Encantadeiras.  (Volta a música)  Eu sou quebradeira  Sou mulher guerreira,  Venho do sertão!  **CILENE:** Uma quebradeira doida!  Nós estamos com mais de 25 dias, né?  **NICE:** Já completou 25 ou 24.  **SEBASTIANA:** Nós saímos dia 12 e hoje é 4.  **CILENE:** Esse foi o pequeno.  Zuada tinha era no passado. Foi dois meses. Foi tormento.  **NONATA:** Todo mundo doido,  com vontade de ir para casa, estressado.  **NICE:** Estamos gostando da nossa viagem.  Vamos convivendo, a gente conversa.  Todo mundo canta, faz aquela animação.  Eu vou mais de carro, a gente olha mais.  A gente conhece mais as coisas, vê a realidade.  E de voo é bom porque a gente chega mais ligeiro,  Mas só que a gente não vê nada!  E outra coisa, de avião acabou com nossas malas tudo!  (Música local toca no radio do carro)  **DIJÉ:** Já é aqui, ó, já chegou. É rápido!  **SEBASTIANA:** Bota mais debaixo do pé de pau |
| Encantadeiras esperam com as malas no sagão do hotel  Encantadeiras esperam com as malas no sagão do hotel | **DIJÉ:** Agora lá em Petrolina eu arranco tudo!  **CILENE:** Quando eu cheguei em casa, Pedro disse:  "Cilene, tu acabou com a minha mala!" Eu disse: "Eu não!"  Foi o pessoal do avião, carregando de um lado para o outro.  Mas também, a gente viaja demais!  As primeiras foram novas, mas se acabou e nós deixamos as novas e fomos comprar outra.  **DIJÉ:** Quando a gente chega no aeroporto  fica valente com esse povo…  **DORA:** E aqui tudo é novo, né? Tudo novo!  Lavou e enxugou, está novo!  **RECEPCIONISTA DO HOTEL:**  Francisca e Cilene estão com Sebastiana no quarto 15.  Maria Nice e Maria de Jesus estão no 17.  **DIJÉ:** O nosso quarto aqui é porto seguro.  Deixa eu ver a tua segurança aqui onde é.  **NONATA:** Olha, o meu é São Luís!  **DIJÉ:** São Luís do Maranhão!  **SEBASTIANA:** (Canta com Dijé) Eu viajei de Teresina, pra São Luís do Maranhão.  Atravessei o Parnaíba. Ai, ai que dor no curacao.  (Começa a música: De Teresina a São Luis; Gonzaguinha) |
| Rua, motos estacionadas. Barraquinhas de Feira.  Loja de artefatos tradicionais, encantadeiras olham objetos e roupas. Carros e motos passam na rua.  Moradores,sentados na varanda, olham a rua.  Show Encantadeiras  Imagem de palmeira  No interior, crianças estão na porta de suas casas. Mulher carrrega balde. | (Música: De Teresina a São Luis; Gonzaguinha)  **SEBASTIANA:** O grupo foi formado em 2005 sendo uma de cada estado, que é do Maranhão, do Piauí, do Pará e do Tocantins.  E só teve uma desistência no nosso grupo, que foi uma do Pará, e a outra assumiu que foi a Iracema.  Então, desde que foi formado o nosso grupo, não desistimos, nenhuma.  **NONATA:** E a gente sai um pouco da rotina, conhece muitas coisas e também repassa a nossa história. Tanto o canto, quando a história de luta que a gente tem. Então é uma oportunidade que a gente não vai esquecer! Porque a gente está repassando um pouco da nossa história, que muitas pessoas desse nosso Brasil não conheciam.  (Música: De Teresina a São Luis; Gonzaguinha)  **NICE:** As Encantadeiras entram no cântico da cultura do Babaçu. Aí nós cantamos e falamos a nossa história, então a gente repassa para o mundo aquele trabalho. Por exemplo, esse show que nós estamos fazendo, nós já fizemos em 65 cidades. 65 cidades que não sabiam nem o que eram quebradeiras de coco, nem sabiam que eram quilombolas, não sabiam o que era extrativista. Então muita gente conheceu! Nós trabalhamos com mais de 300 mil pessoas, que nos ouviam.  **SEBASTIANA:**  Boa noite!  Eu sou Sebastiana, moro numa comunidade de nome Marajá na região do médio Mearim, município Lago do Junco do Estado do Maranhão.  E eu quero falar para vocês como que começa o nosso dia dentro dos babaçuais.  Assim... amanhece o dia, a gente faz o café, dá para as crianças, eles vão para a aula. E aí vai começar o nosso dia. A gente pega um jumento, que é o jegue,  e põe uma cangaia e um jogo de jacá.  Aí você pega um pacarazinho, só que ele é bem maior  e vai pra solta. Lá você vai andar de pé em pé de palmeira até encher essa carga de coco. |
| Quebradeiras caminham na Estrada de barro com cestos de catar coco.  Em grupo, quebradeiras passam por de baixo de cerca de arame farpado. Elas catam o coco no chão e colocam dentro dos cestos. | (Música instrumental)  **SEBASTIANA:**  Nós, as quebradeiras,  fazemos isso de segunda à sexta.  Nós parte de muitos em muitos a cada dia!  A gente costuma dizer que esse babaçu é a nossa vida.  Criou os meus pais, criou meus avós, me criou, tá criando os meus filhos…  Tudo à custa desse babaçu. Portanto, a gente diz esse babaçu é a nossa vida.  As quebradeiras do Maranhão, do Piauí e do Tocantins vivem desse babaçu. |
| Quebradeiras com o cesto de coco na cabeça, saem do mato com o cocos colhidos. | **QUEBRADEIRA:**  Esse aí, a gente junta hoje  e amanhã já quebra para outra. Cada dia quebra pra uma.  **SEBASTIANA:**  Quanto mais quebrarmos coco,  mais nós ganhamos dinheiro. Porque também não é bem valorizado. É bem pequeno, baixo custo  que nós recebemos desse babaçu. Mas é ele que nos garante o pão de cada dia, a roupa que nós vestimos,  os remédios que tomamos, o caderno dos nossos filhos.  Esse babaçu é a nossa vida! Então, no decorrer da apresentação, a gente vai falando mais para que vocês entendam a nossa luta dentro dos babaçuais.  Obrigada!  (Som de Apalusos) |
| Show Encantadeiras  Encantadeiras cantam e dançam.  Quebradeiras de coco despejam no chão todo o coco que recolheram e quebram o coco juntas.  Quebradeiras de coco quebram o coco juntas. | **ENCANTADEIRAS:**  Quebra coco, nega!  Eu não, eu não!  Quebra coco, nega!  Eu tô quebrando.  Quebra coco, nega!  Eu não, eu não!  Quebra coco, nega!  A palmeira de sabida,  Botou cacho nas alturas!  Ela pensa que eu não sei,  Quando o coco tá maduro!  Quebra coco, nega!  Eu não, eu não!  Quebra coco, nega!  Eu tô quebrando.  Quebra coco, nega!  Eu não, eu não!  Quebra coco, nega!  Eu tô quebrando.  A mulher que quebra coco,  Quebra coco é pra viver.  A mulher que não faz nada,  Seu destino é sofrer.  **NICE:** O coco babaçu é uma planta nativa, nasce na floresta. Não é plantada na floresta, já nasce da natureza. E dá uns frutos para as pessoas que vivem dela. Desde os 6 anos eu já sabia rachar um coco.  Ninguém me ensinou! Eu vim de uma história,  da minha avó que quebrava coco e minha mãe,  a gente vai aprendendo no dia a dia.  Isso dá o nome de tradição: que ninguém ensina e a gente aprende.  A quebradeira de coco, no meu caso, eu quebro 15 quilos de coco por dia.  A minha filha quebra mais que eu, ela quebra 22 quilos.  (Música Instrumental)  **NICE:** Quebradeira de coco, para mim, é uma profissão tradicional da floresta do extrativismo que ajuda na sustentabilidade.  A gente compra roupa, compra calçado, compra comida também, compra peixe do pescador, compra carne, compra às vezes uma cama…  **NICE:** Nós aqui na comunidade trabalhamos em mutirão.  O que é mutirão?  É um grupo de mulheres que se junta, aí, trabalha um dia pra uma companheira, outro dia pra outra…  Vamos pegando um dia para cada, até terminar o dia de cada um.  Para que isso? Porque quando elas compram  algum objeto, fogão, cama, alguma coisa que elas ficam devendo…  A gente se junta e quebra o coco para pagar as prestações dela. Se junta em torno de 20 mulheres  até 100 mulheres. Quando a gente quer pagar  uma conta muito alta, nós reunimos um grupo de 100 mulheres para dar mais dinheiro.  Tem vezes em que a gente quebra 10 sacos de coco, 15 sacos, que dá uma quantia maior de dinheiro.  Esse mutirão é uma coisa muito organizada que nós trabalhamos.  Isso aqui é uma cultura da gente. Quando acaba uma semana, na outra semana já faz o plano da outra companheira. Isso vem da bisavó da gente, da avó, da mãe.  Hoje nós fazemos isso aqui, a comunidade toda trabalha em mutirão. São duas comunidades.  A gente sai daqui e vai pra outra comunidade, outra comunidade vem pra cá.  E nosso trabalho aqui é em parceria.  Assim é o mutirão: é um grupo de mulheres  que troca dia uma com a outra. |
| Quebradeiras despejam no saco amêndoas que tiramram do coco.  Interior da Van. Nice inicia um canto.  Paisagem de beira de Estrada.  Interior da Van, encantadeiras conversam, tocam e cantam. | (Música cantada por elas)  **NICE: “**Hoje o que importa  É viver um pouco mais  Saber da sua vida  E como você vai  Preciso conversar  com você, meu amigo  Preciso conversar  com você, meu irmão”  **ENCANTADEIRA:** Acabou?  **NICE:** Acabou!  **ENCANTADEIRA:** Mas tá tão bonito!  **NICE:** Quer continuar? Então tem que aprender!  (Nice Canta “Morena bonita crioula”)  **NICE:** Isso aqui é de caxeira, rebolando pra ganhar cachaça.  **CILENE:** Rapaz, e foi depressa nós tiramos…  Como é que chama? Uma embolada.  **NICE:** Isso aqui que eu to cantando é coisa de caxeiro, de quando tá se despedindo para ir embora,  aí a gente coloca uma garrafa para ela se rebolar.  É zoeira demais!  Eu gosto de esculhambar o dia! (Risos)  **CILINE:** Gosta de zoeira né, menina!  **NONATA:** Deixe de ser bagunceira, Nice!  **CILINE:** Pois, puxe uma aí, Nice. Pois puxe uma agoniada!  (Som de pandeiro - Nice canta “Morena bonita crioula”). |
| Encantadeiras andam juntas na rua.  Em restaurante, ela comem e conversa. | **DORA:** Sair um pouco da rotina é muito bom,  eu já tenho os meus 45 anos e nunca tive a oportunidade que estou tendo agora!  A gente quando tá brincando diz que agora é o nosso tempo de férias.  A gente trabalha tanto, não tem tempo para sí.  E aqui a gente tá descobrindo que a vida é muito mais elegante, que às vezes a gente trabalha tanto, é tanto estresse, e aqui a gente percebe que a pessoa que tem mais tempo vive bem melhor. E a gente se acarreta tanto e não tira esse tempo pra gente, nem para a própria família a gente tem esse tempo. |
| Encantadeiras entram na Van após almoçarem. | (Música “De repente nossa vista clareou, Clareou, clareou!)  **SEBASTIANA:** Ei Nice, vamos embora minha filha.  Bora menina, tu gosta de perder tempo!  **MOTORISTA:** Tá todo mundo aí?  Tem que fazer a ordem de chamada?  Não precisa, né? |
| Van passa por paisagem de beira de Estrada.  Pequenos bairros, casas. | **CILINE:** A importância que eu achei foi ter essa divulgação, porque antes a gente não tinha.  E o nosso objetivo e o nosso sonho é ser divulgada não só na nossa região, mas sim no Brasil inteiro.  Então assim chegou no momento que a gente mais queria. E a gente agradece demais porque hoje  estamos conhecendo cidades, gente nova e amigos  que a gente não tinha antes. E para nós é uma experiência e tanta. A gente está tendo reconhecimento, essa troca de experiência.  Trazendo e levando. |
| Show Encantadeiras.  Mulheres assitem da platéia. | **NONATA:** E agora vamos cantar uma música  que tem como título "O Vestido da Fazenda Azul".  A mulher chega para o marido e fala:  "Marido, eu quero um vestido daquela Fazenda Azul.".  E o marido disse para a mulher:  “Ó, mulher, eu não tenho dinheiro não.".  "Vai quebrar o coco babaçu.".  (Música Encantadeiras)  **ENCANTADEIRAS:**  “Marido, eu quero um vestido,  daquela fazenda azul.  Marido, eu quero um vestido,  daquela fazenda azul.  Ó, mulher, não tenho dinheiro,  quebra o coco babaçu.  Ó, mulher, não tenho dinheiro,  quebra o coco babaçu. |
| Dijé está na cozinha de sua casa, ela faz comida. Neta brica no quintal.  Dijé caminha em direção a sua roça.  Dijé trabalha na sua roça junto de sua filha. | (Continua…)  Quando deu a meia noite,  Eu vi o pilão troar.  Quando deu a meia noite,  Eu vi o pilão troar.  É a mulher do babaçu,  que não sai sem almoçar.  É a mulher do babaçu,  que não sai sem almoçar.”  **DIJÉ:** A gente aprendeu os cânticos quando criamos o movimento.  E aí foram feitos alguns cânticos. A gente cantou e, de lá para cá, não deixou mais.  Cantamos em qualquer lugar que a gente tiver.  Vamos cantando os nossos cânticos de luta.  (Volta a música…)  “A mulher do babaçu,  tem a vista ligeira.  A mulher do babaçu,  tem a vista ligeira.  Quando o coco sai da casca,  Sabe aonde vai bater.”  **DIJÉ:** Eu comecei a quebrar coco muito cedo,  com 16 anos eu tinha um filho e tinha que assumir a responsabilidade.  Aí foi quando eu me tornei uma quebradeira de coco,  uma trabalhadora rural. Porque eu tinha que quebrar coco.  Fui aprender com 16 anos a quebrar coco e também começar a trabalhar na roça para ter o arroz, para ter o milho.  Quando o inverno era bom, dava muita colheita.  A partir do mês de julho a gente ia quebrar coco  para comprar roupa, comprar calçado e outras coisas que precisavam.  O babaçu tem duas safras. Tem uma safra e tem uma entressafra. |
| Entrevista Dijé na Roça.  Dijé caminha por sua roça.  Dijé no quintal separa o arroz.  Show Encantadeiras | **DIJÉ:** Aqui a gente não fica sem roça. Todo ano a gente tem que ter a roça, porque a gente tem que ter o arroz.  Porque assim é difícil, se a gente não tem arroz  tem que estar indo buscar na cidade, ter que comprar.  Tendo aqui, a gente só leva para pilar e pronto.  E é mais gostoso do que o que a gente vai buscar na cidade.  (Música – Encantadeiras)  “O cabelo da boneca é loiro  e o pendão do milho é cacheado  Uma roça bem plantada vale ouro  quando o chão tá sempre bem molhado  O sertanejo quando chega no roçado  Chega num aceiro e avista do outro lado  Chega num eito, quatro cantos e cada lado  Quatro limpos bem batidos e um facão bem amolado.”  **DIJÉ:** Essa cantiga retrata um pouco  do que a gente faz.  Porque a gente não só quebra coco,  a gente também trabalha com a roça.  (Continua..)  Quando o inverno é bom,  e gente tem a nossa roça,  em bastante arroz.  Mas o babaçu é uma fonte que dá dinheiro  e ele dá dinheiro todo dia!  **DIJÉ:** Por isso que a gente diz que o babaçu para nós é a nossa mãe. Porque a nossa mãe vai embora,  o nosso pai vai embora e a gente fica.  A gente sobrevive! Agora se acabar todo babaçu  aí a gente não vai sobreviver.  Então a palmeira de babaçu é a nossa mãe.  A gente zela essa palmeira como quem zela um canteiro. Todo dia a gente tá lá mantendo guarda.  Se for para ir para luta porque estão derrubando, a gente vai.  A gente junta uma turma de mulheres e a gente vai lá defender esse babaçu. Esteja onde ele estiver, a gente reúne um grupo de mulheres e vai defender.  Primeiro a gente não vai denunciar para o Ibama.  Porque como a gente sabe que quando o Ibama chegar, com a lerdeza toda que tem, já caiu a derradeira palmeira.  (Aplausos…) |
| Dijé caminha por sua roça.  Dijé trabalha em sua roça.  Entrevista Dijé – Roça.  Dijé carrega folha de palmeira e trabalha na roça.  Show Encantadeiras. | **DIJÉ:**  Então primeiro a gente vai lá conversar com o dono, com o vigia da fazenda.  Dizer para não derrubar. Então depois é que a gente  vai fazer os procedimentos legais. Tem lugar que a quebradeira não tem acesso ao babaçu.  Ela é obrigada a comprar o babaçu, que isso também é uma coisa que eu acho horrível!  A gente ter que comprar babaçu, uma coisa que a natureza dá de graça. Aqui são os meus cocos que estou juntando. Junto lá no mato e trago aqui.  Aí no dia de quebrar eu vou quebrar aqui.  Babaçu tem que ser livre, independente de onde ele estiver.  Seja na propriedade privada, seja na propriedade coletiva. Ele tem que ser livre para quem tem necessidade de usufruir dele.  Se eu não tenho necessidade, não vou usar.  Não vou quebrar. Quem tem necessidade,  tem que quebrar. Tem que quebrar para sobreviver!  Tem hora que a gente tá tão revoltado que a gente olha e diz tanto que a gente já lutou.  Será que vale a pena continuar? Porque a cada dia  a luta vem de uma forma diferente.  Cada dia ela vem de uma forma diferente!  (Música Encantadeiras)  **ENCANTADEIRAS:**  “Nossos direitos vêm  Se não vir nossos direitos  Brasil perde também  Confiando em Cristo Rei, que nasceu lá em Belém  E morreu crucificado, porque nos queria bem  Confiando em seu amor, se reclama até a doutor  Mas nossos direitos vêm!  Nossos direitos vêm!  Se não vir nossos direitos  O Brasil perde também  A cova é tua morada, o verme teu companheiro  A vida desaparece, para lá não serve dinheiro,  Quero ver tua defesa, onde está tua riqueza  Que comprava o mundo inteiro?”  **SEBASTIANA:**  Acredito eu que esse canto tá dizendo  porque a gente fala de calor, de uma luta que não tem esse coco liberto, que para quebrar este babaçu a gente tem que roubar, que é uma fruta nativa que  Deus deixou para que o seu povo mais pobre tirasse o seu sustento. Mas como ele é dentro de propriedades privadas, eles se acham donos da terra, do gado e até do babaçu.  Mas nós não somos fracas, não!  (Aplausos…)  Quando eles estão indo nós estamos voltando!  Nós fomos inteligentes quando pegamos uma quebradeira de coco, elegemos ela como vereadora  no nosso município para ela estar fazendo e criando leis. |
| Imagem de Palmeiral.  Quebradeiras de coco manuzeiam o coco babaçu.  Mulheres quebram coco. | (Continua…)  que nos desse o direito ao livre acesso aos babaçuais.  Isso ela fez com muita categoria!  Então nos reunimos em mutirão para que a gente pudesse estar preservando esse babaçu.  Porque a união é isso. Isso é o que nós brasileiros  e o povo do mundo se soubermos fazer, todo mundo vive em paz, com um pouquinho de cada um.  Um obrigada gente.  (Aplausos…)  (Música Encantadeiras)  “Aqui termino, pedindo ao nosso Pai soberano  Que fez o céu e a terra sem cometer um engano  Olha teu santo universo, cheio de coração perverso,  que nega os direitos humanos  Nossos direitos vêm  Se não vir nossos direitos  O Brasil perde também” |
| Imagem de Palmeiras de Coco Babaçu.  Cerca de arame farpado.  Palmeiras cortadas.  Trator derruba palmeiras. | **DORA:** A lei assegura que não pode derrubar,  que pode ralear as palmeiras e que em um hectare  tem que ter 60 palmeiras e 120 pindobas que são as filhotes.  Assegura também que não pode agredir as palmeiras com arado, não pode ter o braquiária nem o corte do cacho.  Braquiária é um capim. Um capim que as pessoas entram e que corta a pele das pessoas.  Mas existe uma outra estratégia dos fazendeiros que é o veneno nas pindobas.  Quando você vai perceber aquilo já aconteceu.  Você percebe pelas palhas queimadas.  Também é proibido juntar o coco de carrada e queimada do coco inteiro também, tudo isso assegura na lei.  A questão da derrubada você precisa de uma licença  para poder avaliar. Só que a lei para ser assegurada  precisa ter os fiscais, e esses fiscais somos nós, porque o Ibama não faz isso!  (Música Instrumental) |
| Imagem de Arquivo –  Filme “Maranhão 66”  Discurso de posse de José Sarney  Imagem de Arquivo de antigos moradores do maranhão e quebradores de coco babaçu. | “Nossas palmeiras aqui plantadas pela natureza e no Maranhão está a maior reserva do mundo de gordura vegetal.  Os 150.000 km quadrados cobertos de babaçu.  Que cada vez mais iremos exportar, valorizar, industrializar e mostrar para o Brasil que ao invés de ser um problema, será uma grande solução para todos nós.  O Maranhão não suportava mais nem queria o contraste de suas terras férteis e de seus vales úmidos,  de seus babaçuais ondulantes e suas fabulosas riquezas potenciais com a miséria, com a angústia,  com a fome, com o desespero.” |
| Imagem de Arquivo de antigos moradores do maranhão e quebradores de coco babaçu.  Imagem de comunidade atualmente. Casas de pau a pique.  Bois caminham por terra.  Fotografia de casas demolidas. | **DIJÉ:**  Minha comunidade foi uma comunidade que quando gritaram a liberdade o pessoal já tava lá!  Tinha sido escravo lá, né? Era um povo que não sabia ler, não sabe escrever.  Era um povo que tinha uma relação de confiança,  eles tinham muita confiança, tinha uma pessoa que eles respeitavam muito.  Eles tinham um papel da terra, mas aí uma pessoa que olhava.  E um dia chegou outra pessoa e pediu para olhar.  Ele não sabia ler e disse que tinha um nome errado.  Ele ia levar para consertar. E aí ele pegou o papel da terra e levou e mudou para o nome dele.  Em 73, na década de 70, quando ele morre,  como ele dizia que era o dono, os filhos deles começaram a ir vender terra.  Certo de que venderam com a gente dentro.  Aí começou. O fazendeiro começou a ir,  botou o capataz. E todo dia ele ia, dizia que era para a gente sair e a gente não saía. Aí amedrontava a gente,  dizia que ia botar boi para comer nossos meninos,  que era pra gente sair, que os bois que eles iam botar  comiam criança pequeninha e na época tinha muita criança pequena.  Aí chegou o momento que ele disse que não dava um boi da fazenda dele por cem negros do Monte Alegre.  E aí relaxou todo mundo né, a gente valia muito menos do que um boi, porque cem negros valem a menos do que o boi.  Acho que um dos maiores problemas que eu enfrentei na minha vida foi em 79, quando eu vi todas as casas  da minha comunidade serem botadas fogo.  Acho que isso foi um problema e foi um problema muito grande. Porque a gente tem uma casa  e ter que sair porque o cara quer botar fogo.  E ou você sai, ou sai mesmo. |
| Entrevista - Casa da amiga de Dona Dijé | **MORADORA DA COMUNIDADE:**  Todo dia passava com umas carradas de madeira, de estaca e arame cercando tudo e nos botando a ir embora.  Que era para nós irmos embora e nós sem querermos ir. Nós não vamos embora de jeito nenhum.  Até que um dia ele tocou fogo na minha casa, umas duas horas da tarde.  Minha casa bem ali e meu marido não estava nem em casa.  "Cadê seu João, garimpeiro?".  Eu disse: "Tá para Codó."  Também ele entrou na minha casa e varreu tudo, de cotelo, machado, facas de cozinha, tudo. Jogou dentro do carro.  "Vai embora para Lima Campo."  "Fazer o quê em Lima Campo?"  "Eu não vou, não tenho casa lá."  "Eu tenho aqui."  "Sai, que nós vamos queimar já."  Eles tiraram de dentro de casa só minha máquina,  que eu costurava nesse tempo. Tirou a minha máquina, a mesa e a cama. Botaram lá debaixo de um pé de árvore lá de baixo. E eu fiquei lá. O nosso arroz que tinha um pouquinho lá dava mais ou menos uns 15 alqueires.  E largaram fogo na casa. Queimou tudo.  "E você vai ficar como? Vai embora!"  Eu digo: "Não vou, eu vou ficar aqui!"  "Você fica e a casa nós vamos queimar."  "Eu fico como rato aqui na rua, mas eu não saio!"  "Meu marido quando chegar que toma decisão."  "Para onde é que nós vamos."  E aí eu fiquei. Às 6 horas ele chegou, só viu o fogo aceso nas madeiras da casa, que a madeira era boa.  Tá acedendo, tá queimando muito. |
| Imagem de palmeiras queimando.  Show Encantadeiras, elas danças e cantam.  Comunidade de Dona Dijé, ela caminha até a igreja. E cumprimeinta as amigas. | (Música Encantadeiras)  “Essa casa de palha queima  Queima, mas não queima  Se queimar, eu boto areia.  Areia também queima.  Se queimar, eu boto telha.  Areia também queima.  Olha o gato do mato!  Pegou... segurou!  Se não tiver quem dê no gato,  Segure que eu dou!  Olha o gato do mato!  Pegou... segurou!  Se não tiver quem dê no gato,  Segure que eu dou!”  **DIJÉ:** Mas o bom é que a gente tá lá até hoje.  Esse é o bom! E a gente achou muita ajuda, porque se a gente não tivesse ajuda, a gente tinha ficado, tinha enfraquecido. Porque a gente é forte até um ponto,  mas chega uma hora que a gente desaba.  (Música Encantadeiras) |
| Mulheres quebram coco.  Crianças olham.  Show Encantadeiras, elas cantam e dançam.  Crianças soltam pipa na rua.  Crianças sorriem na janela de casa.  Mulher lava a louça. Cozinha da casa de Dona Nice. Neto de nice brinca com panelas.  Interior da casa de Dona Nice. | (Música Encantadeiras)  “Ninguém escuta meu grito,  Desconhecem meu sufoco.  Escondida lá no mato,  Com fome, quebrando o coco.  Escondida lá no mato,  Com fome, quebrando o coco.  Dentro do babaçual,  vou perdendo minha infância.  O machado é meu brinquedo,  cortando minha esperança.  Derrubando os meus sonhos,  de um dia diferente.  Que não seja quebrar coco,  e prestar conta a patrão.  a um jagunço capataz,  Que ainda achando pouco,  se diz o dono do coco  toma a minha produção.  Ninguém escuta meu grito,  Desconhecem meu sufoco.  Escondida lá no mato,  Com fome, quebrando o coco.  Tenho direito à escola, saúde e alimentação  A brincar e ser feliz! Tudo isso, a lei que diz  Mas continuo esquecida, sem nenhuma proteção,  Nesse trabalho pesado, sem um pedaço de chão.”  **DORA:** Quase todas as comunidades da região  já tiveram conflitos de terra. E assim, desde os anos 70 que começou a luta pelo babaçu.  Que a gente ia para o mato quebrar coco e aí já não tinha mais o coco para a gente quebrar, porque tinha pessoa que arrendava, juntava todo babaçu e colocava  para a pessoa quebrar a meia. Você quebrava 10 kg  tinha direito a 5 kg, sem levar a casca. E ainda tinha que vender naquele mesmo local que você quebrou.  Como a gente não tinha mais como sobreviver ali,  então a gente começou a converser o que é que a gente poderia fazer.  E assim, a comunidade não fazia sozinha,  tinha sempre essa articulação com as outras vizinhas.  E aí, tudo que ia fazer era em mutirão.  Começamos a quebrar coco, que tava junto do proprietário. Todo mundo que ia quebrava e levava o coco para casa. Mas isso era 150 pessoas, 200 pessoas que iam fazer tudo isso num dia. Daí começou a luta pela terra, porque as pessoas eram intimadas e ele sempre dizia o que tinha alguém como cabeça.  Quando era chamado, as comunidades novamente se reuniam, ia todo mundo para delegacia.  Para onde ia um, iam todos!  Quando perguntava "Quem é José?"  Todo mundo respondia "José somos nós."  Mas ainda houve morte pelos conflitos. Teve também 7 pessoas que apanharam, comeram fezes. Meu irmão ainda hoje é doente por isso. Mas são coisas que a gente viveu nos anos 80, nos anos 90, mas que quando a gente conta, a gente vive tudo de novo.  É uma coisa que não passa. |
| Interior casa da Nice.  Foto antiga da família.  Moradores caminham pela rua.  Entrevista Nice | **NICE:** Tem liderança que já foi assassinada.  Mataram meu filho ano passado.  Entendeu? E eu trabalho com os grupos todos.  Não paro nunca. Porque todo mundo, o que eles fizeram, porque sendo filho aí é mais fácil de esmorecer.  Mas aí avançou mais a luta. É porque eu já tive mais companheiros, eu senti mais acompanhada, mais fortalecida com a população.  Mas isso aí a gente continua né, os companheiros muito fortes. A gente sempre deu suporte  e nós continuamos na luta. Morre um e aparece um milhão. Assim que funciona. Então não é a primeira morte.  Já tivemos outros companheiros também, outras lideranças.  Aqui no município de Penalva, em outro lugar,  em outra região em que a gente trabalha. Inclusive tem uma história muito grande  que é do Chico Mendes, nosso professor da floresta.  Essa luta começou por ele, então foi o meu professor.  A gente herda disso, do modo geral. |
| Imagem Por do Sol.  Nice quebra coco.  Cachos de coco babaçu.  Trilha no chão de terra feita por formigas.  Entrevista Nice | (Som chocalhos - Música)  **NICE:** O babaçu, quebradeira de coco,  e negro é a área que mais sofre até hoje.  Nós tentamos resgatar isso no mundo, né?  Que atividade não tinha melhor que outra. Tudo que você trabalha para sua vida, você tem que ser respeitado!  Extrativismo, babaçu, floresta. E a quebradeira de coco, ela não trabalha diretamente só com coco.  Ela precisa da moradia, ela precisa da educação,  ela precisa da saúde, ela precisa da terra, ela precisa ter um quintal com a fruta, ela precisa da floresta.  Porque o babaçu é consorciado, ele não vive só.  Ela precisa disso tudinho.  Esse daqui é novo, tá com 3 meses. Palmeira tá com uns três meses,que a gente sabe a data né, que ele tá com 2 meses. Aqui ele tá com 1 mês e essa tá com 9 meses, o cacho. Aí começa e eu tenho costume de ficar aqui, o tempo todo a gente vai sabendo a data que ela brota, e a data que o coco amadurece e cai.  Esse aqui que é novinha, mas já botou cinco cachos.  Já caiu dois e ainda têm três para cair esse ano.  E ela é nova, mas botou cinco cachos esse ano.  Esse aqui já caiu agora, têm esses três ainda.  Amadurece o fruto, fica maduro e cai. |
| Diversas imagens de plantação de palmeiras de Coco Babaçu.  Mulher quebra coco enquanto marido faz rede de pescar.  Nice anda pelas ruas do seu bairro acompanhada da filha. | (Música Instrumental)  **NICE:** Na época de 1970, foi a época que foi vendido toda área do Estado do Maranhão para grandes fazendeiros de fora.  E nessa época, as maiores devastações que os fazendeiros faziam eram do babaçu, que para eles  o babaçu era considerado como praga.  Quem sofreu com essa consequência era quebradeira de coco.  As mulheres dependentes dos homens, sabe o que é dependente? Só come quando ele der, só veste quando ele te der.  Mesmo ela trabalhando, mas quem mandava era ele.  Mulher não podia pegar dinheiro, mulher não podia fazer negócio, não comprava, podia criar galinha, mas quem vendia era o marido.  Entendeu?  Eu passei dois mandados eleita como presidente, mas não podia assumir porque eu era mulher.  Então isso me deixou muito sentida, muito doída.  Então eu comecei a trabalhar na questão da organização de mulheres.  Essa experiência começou pelo Tocantins, com a Dona Raimunda, fundadora de toda a luta da mulher.  Não tinha uma mulher igual a ela. A Dona Raimunda quando começou nessa luta a incentivar as mulheres quebradeiras de coco, ela teve que mudar de Estado  porque pistoleiro andava na batida dela para matar onde tivesse. |
| Imagem de plantação dePalmeira de Coco Babaçu.  Imagem de Arquivo –  Filme “Raimunda, a Quebradeira”  Fotos de Raimunda em reuniões e no movimento.  Imagem de Arquivo –  Filme “Roça Crua”  Mulheres quebradeiras em manifestação. | Gravação – Voz de Dona Raimunda  “Eu passei 36 anos morta, porque eu só vi o lado do serviço, o lado da pobreza, não sabia por que as pessoas eram pobres. Tava viva, mas eu não via a política do país, eu não via de onde estava vindo a exploração.  Eu sabia que podia ter alguém que tava explorando.”  **DONA RAIMUNDA:**  Mas se nós não gritarmos, menino que não chora, não mama e nem come.  Cê sabe disso. Assim somos nós diante das autoridades, diante do governo que nós elege.  Por isso que temos que gritar.  Esse coco é bom?  A maioria, né, Dona Raimunda?  Eu posso quebrar?  Pegue o machado aqui, ó.  Eu trabalho na roça, eu quebro coco, eu faço reunião nas comunidades, eu viajo.  Porque quando eu vou para esses lugares, eu não vou brincar.  Não vou passear não. Eu vou é trabalhar!  **NICE:**  Inclusive, ela foi a pessoa que conversou comigo que achou que eu era uma das pessoas que ia ajudar a construir.  Aí nós organizamos um grupo de mulheres, não era o movimento das quebradeiras, era articulação de mulheres.  Aí se juntou Tocantins, fomos atrás de outras mulheres, no Piauí para ajudar, fomos atrás de mulheres no Pará. Formamos quatro Estados. Nessa articulação, éramos só 100 mulheres, não tinha mais de 100. Depois que foi se organizando, já tinha 500.  De 500, já tinha 1.000. Quando deu 3.000, nós resolvemos fazer uma manifestação.  Nós chegamos a articular 400 mil mulheres, sendo 300 mil direto.  Sabe o que é direto? Que assinou nas associações  das quebradeira de coco, no movimento. Indiretas são aquelas que a gente só conversa, que ainda não se criou. |
| Show Encantadeiras, elas cantam e dançam. | (Música Encantadeiras)  **ENCANTADEIRAS:**  “Oh, mulher, te chamo, porque esta luta é tua  Deixa esta cozinha e vamos cair na luta  Essa luta é nossa, não desanime, não  As nossas palmeiras estão todas no chão!  Vamos dar um jeito, que eu já não aguento  É pra nossos filhos que dá o sustento” |
| Marcha das Margaridas – Brasília 2015  Mulheres marcham juntas, seguram cartazes e cantam.  Quebradeira Rosa fala de cima do carro de som. | (Música Encantadeiras)  “Oh, mulher, te chamo, porque esta luta é tua  Deixa esta cozinha e vamos cair na luta.”  **NICE:** Quebradeira de coco é uma mulher  que tem força, tem coragem. Tem disposição de fazer o trabalho e vive dia a dia na luta pelo trabalho.  É uma mulher que está numa reunião, é uma mulher que tá na escola, é uma mulher que tá nos congressos,  é uma mulher que tem no seminário, as mulheres às vezes são vereadoras. Tem muitas que são mulheres prefeitas e também são quebradeiras de coco, e assim vai indo, né?  Agricultora familiar, presidente do sindicato, então nós temos uma série de coisas que a quebradeira de coco também faz parte. E ela é uma mulher corajosa,  para tudo o que a gente convida a quebradeira de coco tá ali para fazer!  Isso é que é quebradeira de coco.  **CARRO DE SOM:** Viva a luta dessas mulheres guerreiras, as quebradeiras de coco.  **DIJÉ:** São várias frentes de lutas e a gente também tem uma luta em busca de espaços para que a gente  possa tá lutando, reivindicando, organizando.  **ROSA:** Babaçu livre quando? Já!  É isso, companheiras,  nós viemos pra mostrar para esse país a nossa existência, das mulheres que vivem do extrativismo do babaçu, das mulheres que preservam a floresta.  Nós, as quebradeiras de coco, viemos aqui dizer  que queremos território livre. |
| Show Encantadeiras, elas dançam e cantam.  Fotos de Nice nomovimento.  Imagem de Aruqivo –  Dijé em Washington, Estados Unidos, 2016.  Fotos de arquivo – Dijé em reunião internacional. | (Música Encantadeiras)  **ECANTADEIRAS:**  **“**Vamos juntas companheiras, vamos botar pra valer!  Vamos quebrar as correntes do machismo e do poder  Essa luta não é fácil  Mas vai ter que acontecer  As mulheres organizadas  Têm que chegar ao poder”  **NICE:** A gente cresceu muito nas organizações de mulher. É um movimento que só tem mulher, não tem homem.E a gente cresceu politicamente. Começamos a ir para cima dos governos, fazer seminários.  Fazer intercâmbios.  **DIJÉ:**  Cada vez que a gente faz uma viagem, a gente conhece algo novo.  É uma nova experiência e também é uma nova forma  de ter um espaço para expressar o trabalho do MIQCB, que não é um trabalho da minha comunidade, mas é um trabalho conjunto, do movimento.  É o movimento que abriu a porta para o mundo. Então, esse movimento é conhecido nacional e internacionalmente. Isso é um diferencial para nós.  Lá á para nós no Brasil, quando as árvores estão sem folhas estão mortas, né?  E aqui é um diferencial, elas estão sem folhas e estão vivas!  O MIQCB a gente viaja muito. Tem vezes que eu não fico em casa. Isso que quando a gente vive em casa,  não sai para lugar nenhum. E aí de repente, a gente começa a sair, começa a passar a semana.  15 dias fora de casa é uma mudança na vida da gente muito grande, e até a gente se adaptar...  Depois a gente se acostuma, né? Também essas mulheres do movimento aprenderam e hoje são capazes de discutir de igual para igual.  Tanto faz se é no Estado, como lá em Brasília.  Em qualquer lugar que as mulheres do movimento chegarem, elas vão para discussão de igual para igual.  (Discurso de Dijé na “Campanha pelo Babaçu Livre)  “Eu costumo dizer que é um movimento que nasceu, cresceu e ficou adulto.  Porque as lutas são tão tantas que fez com que esse movimento amadurecesse logo.  E aí nesses anos, eu acho que a gente vem fazendo  uma discussão de quebradeiras de coco, uma discussão de pobres, de comunidades tradicionais,  uma discussão aonde a nossa cultura seja uma cultura viva, aonde a nossa cultura não possa morrer.  Nós temos que ter terra para sobreviver, porque toda a nossa luta tem um ponto chave,  ela tem um ponto "x".  A terra é o ponto central. Terra, território.” |
| Barco passa pela aguá no rio.  Encantadeiras em passeio de barco.  Imagens de lagos e rios. Encantadeiras tiram fotos. Crianças pulam na água.  Encantadeiras caminham na beira da água. | (Som de Percurssivo)  **DIJÉ:**  A gente fica assustado, pelo menos eu fiquei assustada nessas minhas viagens, porque a gente vê todo dia falarem em preservação do meio ambiente,  todo dia a televisão tá falando, e quando a gente se depara, a gente fica perguntando:  "Mas qual é a preservação do meio ambiente que esse povo tanto fala?"  Porque lá na comunidade a gente fica brigando para ter nossas lagoas, para ter nossos Igarapés, né, para ter nossos lagos para a gente pescar, para que o rio não se acabe. A gente fica brigando o tempo todo!  E quando a gente se depara, é tanto lugar poluído,  são tantos os rios que ainda estão vivos, mas que a poluição tá lá em cima.  E os que não estão vivos a gente vê o nome do rio,  mas a gente olha lá embaixo e não tem um pingo d'água.  A gente se assusta! Que rio é esse?  Que preservação é essa?  Tem lugar que a terra não tem um pé de árvore.  Ai quando não é, você vê só um grande plantio de eucalipto, é só um grande plantio de soja.  E a gente fica se perguntando: "A gente come eucalipto?"  "Essa soja que tá sendo produzida é para nós, brasileiros?"  O que a gente sabe é que destrói o Brasil, para alimentar outros países.  A gente fica indignado quando se fala de preservação de Meio Ambiente. |
| Encantadeiras passeiam na beira do rio.  Paisagem de rios. Encantadeiras passeiam de barco.  Nice olha a paisagem.  Por do Sol.  Pescadores pescam em canoas. Puxam sua redes.  Animais pastam em beira de rio. | **NICE:** Quem tava lá era Nonata, é? É quem?  **CILIENE:** Mas eu tô achando essa ingá diferente.  **NICE:** É mulher, é porque é de outra região, é outra área.  Nós atravessamos na canoa para buscar o povo do outro lado.  **CILIENE:** Eu tenho tanta vontade de morar na beira do rio, assim.  Numa água grande, eu tinha tanta vontade demais.  Eu moro hoje onde tem um igarapézinho pequeno.  Ele não seca de jeito nenhum, mas não é um rio assim.  A gente pega um peixe para almoçar, jantar.  **NICE:** Vou te dizer, são três riquezas do mundo  que às vezes a pessoa não percebe. É água, floresta e fruta no pé.  A briga da gente é pela biodiversidade, porque tem tudo o que você precisa.  Agora quem não compreende, acha que a área protegida é para criar gado. Então nós somos diferentes, porque nós trabalhamos com a biodiversidade toda. Porque nós queremos a terra viva e a floresta vida.  E a vida do interior é diferente da cidade, nós só podemos ter uma vida digna se morarmos no interior.  Então essa é a minha luta: que as pessoas continuem nas suas origens, com suas culturas, com seus modos de viver. Porque não tem outra vida melhor.  (Música Instrumental)  **DORA:** Quando a gente retorna, a gente chega tão aliviada!  Chega mais chega mais calma.É só essa oportunidade de a gente conhecer tanta coisa bonita desse nosso país, que a gente não conhecia. Nunca imaginava de entrar no estádio, por mais que seja simples, mas a gente entrou.  Agora fomos visitar a imagem de Padre Cícero, que eu nunca imaginei ir. A gente foi no Cristo Redentor.  Também são assim, vários locais muitos bonitos desse nosso país que a gente teve a oportunidade  só depois desses convites para gente sair.  **NICE:** Cada vez que andamos, que conhecemos as coisas, estamos aprendendo mais, estamos nos fortalecendo mais.  **DIJÉ:** A gente quer um ambiente preservado, com rios e igarapés, a gente quer uma natureza viva, aonde a gente posse sobreviver.  E para fora a gente vai também levar a política. A gente disse o que o governo brasileiro está fazendo e também disse que o governo brasileiro não faz. |
| Mulheres quebram coco babaçu.  Mão separam as amêndoas de coco babaçu. | **DIJÉ:** Então é levar a nossa política mesmo, a política do movimento a política das mulheres.  O que é que as mulheres com esse movimento, né?  A gente quer trabalhar, a gente quer quebrar o coco, mas a gente quer processar, a gente quer ter melhorias na qualidade do nosso produto, mas a gente também quer que o nosso produto bem seja valorizado. |
| Mulher faz o processo de feitura do azeite de coco babaçu.  Mulheres pilam a castanha do coco babaçu para extrair o azeite. | (Música Encantadeiras)  “Para os pobres, este coco é meio de vida.  Pisa o coco, Margarida! E bota o leite no capão.”  **NICE:** Tudo do babaçu é melhor do que os outros produtos que já têm.  Dá para perceber que na comunidade a gente usa muito ele como alimentação. O leite do coco babaçu é bom, você faz usando o café, usa no bolo, usa no peixe. O óleo a gente usa para comida, a gente pode fritar comida, temperar qualquer tipo de comida.  Se você colocar um pouquinho no café, que fica gostoso. Pode botar um pouco no pão, que fica  gostoso o pão. Ele serve também para coceira,  ele é bom para ferimento, ele é bom para inflamação, gripe. |
| Mulherer mexe a panela no fogo. | (Música Encantadeiras)  Com óleo de coco, as mulheres caprichosas  fazem comidas gostosas de uma boa estimação.  Reconhecendo o valor que o coco tem, a casca serve também para fazer o carvão.  **MULHER:** Já tá subindo óleo! E aqui o bago tá ficando duro! Aí separa o bago do óleo. Quando esse bagu aqui tá bem durinho, você pode arriar que fica só o óleo em cima.  **MULHER:** Aqui tá mesocarpo, o mesocarpo é isso aqui.  É como se fosse uma farinha, um fubá. Tem lugar que chama fubá de coco. |
| Quebradeira mostra as parte de dentro do coco babaçu. | **ROSA:** E a gente tira aquela casca. E aqui agora a gente já vai tirar isso aqui, que é o mesocarpo, só para botar para secar.  Aí depois é que a gente vai passar ele no moinho.  **NICE:** O mesocarpo é nutrição, ele é bom para queda de nervos, para gente quem tá sem poder dormir.  Você tá engordando muito toma ele para normalizar.  Tudo que tem de ferimento dentro do corpo da gente ele faz bem.  E você pode fazer o chocolate e tomar.  **ROSA:** Esse aqui já tá seco, no ponto de triturar. Se você tiver sentindo dor no estômago, a gente ou come ou então coloca uma porção de molho e depois toma aquela água, ela é forte, a gente torna e faz muito bem.  Esse é o mesocarpo, o famoso mesocarpo babaçu.  Aí depois é só quebrar ele tirar a amêndoa. E a casca para fazer carvão, ele não vai perder aí é nada! |
| Quebradeiras quebram o coco babaçu em coletivo.  Quebradeira separa as cascas do coco e taca fogo para fazer carvão.  Montes de coco babaçu colhidos pelas quebradeiras. | (Música Instrumental)  **QUEBRADEIRA:**  A gente vai colocando a casca do coco e ela vai acendendo e a gente vai colocando até encher.  Quando encher, ela suspende o fogo. Aí depois quando abafar, o fogo apaga, fica só o braseado.  A gente coloca tampa, bota terra por cima. E, no outro dia, é só retirar a terra e suspender.  Tá pronto para comercializar para cozinhar!  **DIJÉ:** A cooperativa surgiu da força de ação do movimento, de uma discussão para que as mulheres  pudessem vender o seu produto, porque assim, a gente produzia, tinha um produto, mas a gente não tinha um órgão que desse a seguridade que a gente pudesse vender.  Porque o movimento é uma associação, e associação não pode vender!  Já a cooperativa pode e a cooperative foi criada no sentido de que a gente possa vender o nosso produto. |
| Imagem de vasta plantação de palmeiras.  Palmeira cortada.  Casas de Pau a Pique.  Criança rema em canoa. Imagens da comunidade.  Show Encantadeiras. Nice fala.  Show Encantadeiras | (Música Instrumental)  **NICE:**  Mais uma vez boa noite a todas, a todos!  A nossa história é muito maior do que o cântico,  muito maior do que já foi falado. A primeira luta nossa foi pela conquista da terra. Depois foi a questão da alfabetização, defendendo também a saúde, os direitos da mulher, os direitos do idoso, do jovem, da juventude, da criança.  Lutando também pela nossa cultura, que é uma riqueza que a gente tem e estamos lutando para não acabar.  No passado, por falar na educação, não tinha nem escola nos povoados.  Então muitas de nós mal fez o segundo grau. E quando se fala na educação, eu não to falando só na alfabetização, eu falo também na educação de qualidade.  Que nossos filhos hoje podem cursar faculdade, mestrado, doutorado, para nós termos o juiz, promotor, advogado, tenha médica, enfermeira, policial mesmo, delegados, professores qualificados,  que seja filho de quebradeiras de coco, extrativistas, de agricultor de todo esse povo.  E na questão também da saúde nós temos três doenças incuráveis: preconceito, racism e a pobreza de consciência, principalmente na parte ambiental.  Então são três doenças incuráveis  (Aplausos…)  que nós estamos brigando para transformar isso no Brasil!  Nós também temos outras coisas importantes que nós já trabalhamos. Com as tecnologias, algumas companheiras já seus assentamentos, alguns municípios já tem a lei do babaçu livre, já tem algumas áreas quilombolas demarcadas, tem muitas reservas extrativistas criadas, tem muito mais para ser criado.  Então nós já temos alguma coisa importante que tem um dedo de todas nós quebradeiras de coco nessa luta.  Então essa era minha fala pelo grupo.  Obrigada, gente!  (Aplausos…)  **CILENE:** Só tem uma coisa que ela esqueceu.  Eu gostaria de lembrar! Aqui é para vender.  **NICE:** E para olhar também. |
| Na beira do palco, pessoas olham os produtos feito pelas Encantadeiras. | (Música Encantadeiras)  **SEBASTIANA:**  Para gente é muito gratificante, menina, quando a gente está lá contando a nossa história, mostrando o nosso produto.  E, assim, a gente não sabe nem como agradecer  e nem como expressar, porque para a gente que vivia lá escondidinho, sem que ninguém soubesse da nossa história...  E hoje a gente tá expondo a nossa história para o mundo!  A gente não sabe, assim, não tem nem palavras para estar falando e a gente tá aqui dizendo: sofremos bastante, não temos ainda tudo que queremos, mas melhorou muito.  E a gente está aí incansavelmente em busca de melhorar mais e mais a vida para o nossos filhos, para os nossos netos, que estão aí e vão precisar dessa melhoria de vida. |
| Paisagem beira de Estrada.  Encantadeiras conversam e cantam dentro da Van.  Paisagem de palmeiral. Fim do dia.  Lagos, diversas comunidades cercadas por águas.  Homens pescam nos rios. Peixes.  Paisagem de beira de Estrada. Palmeiras passam pela janela da Van.  Encantadeiras cantam. | **NONATA:** Às vezes a gente pensa que nosso Estado  as coisas são de um jeito, e os outros Estados são do mesmo jeito.  E a gente viu como é a floresta daqui, que é diferente da nossa floresta. Às vezes a gente pensa  "Como esse povo vive?"  Mas cada um tem o seu jeito de viver em cada local em que ele está.  O Brasil tem um povo acolhedor, um povo de coração grande. Mas não é coração grande de doença, não.  É coração grande de bondade.  (Nice canta e toca Pandeiro, Encantadeiras acompanham.)  **DIJÉ:** Viver naquela comunidade para mim é tudo.  Porque lá está a minha infância, lá está minha juventude, que eu não tive. Mas também lá estão os meus filhos, estão os meus netos, lá está a minha vida  Eu saio, mas quando eu volto, tenho meu cantinho,  meu cantinho está lá me esperando. Foi lá que eu chorei, foi lá que eu sofri, mas também foi lá que eu sorri.  Então a minha felicidade está lá!  Mas o que vale a pena é quando a gente tem uma luta  e a gente olha para trás, olha para comunidade, lembra do jeito que era nossa comunidade. E olha hoje em volta, na nossa comunidade todo mundo  tem a sua casinha, acho que todo mundo vive bem.  Porque só em a gente uma casa que é o nosso aconchego, é tudo, é tudo, e é tudo.  (Nice canta e toca Pandeiro, Encantadeiras acompanham.)  “Eu acredito que o mundo será melhor  Quando o menor que padece,  acreditar no menor  Eu acredito que o mundo será melhor  Quando o menor que padece, acreditar no menor.”  Ê saudade!  Mata não, saudade! |
| Encantadeiras cantam dentro da Van. | **NICE:** Lá no movimento das quebradeiras, a gente já deixa uma data determinada para o próximo encontro, seminário ou reunião.  Que a gente tem uma sede. Nós estamos aqui, mas quando chegamos na comunidade lá tem reunião de igreja, a gente não perde...  tem reunião de sindicato, de tudo quanto é coisa, nós estamos no meio.  E é cantando... que nós não cantamos só juntas aqui.  Chega lá, cada uma canta. Se tem uma festa, nós estamos no meio! Quando a gente chega, o povo fica animado e faz mesmo uma festa.  Estamos aqui, mas já pensando nas festas da comunidade, já estamos pensando nisso.  Então nós somos muito fortes, muito seguras nessas coisas.  **CILENE:** Nós quebramos coco e arrebentamos a sapucaia!  (Contuniam cantando…) |
| Show Encantadeiras, Dora fala. | **DORA:** Então gente, estamos chegando ao final da nossa apresentação.  A gente quer agradecer a Deus por esse momento, e agradecer também a todos vocês pela paciência  de estar aqui, ouvindo nosso recado pelo campo de trabalho.  E é um enorme prazer a gente estar aqui, agradecendo a todos vocês.  Esse agradecimento é em nome das sete que estão aqui, mas essas sete estão representando todas as quebradeiras de coco desse nosso país, que só estamos em locais diferentes, mas a luta é a mesma, aonde elas estiverem!  E assim, foi preciso um tempo para a gente se conscientizar de que a nossa profissão era digna  como qualquer uma outra fosse. Mas, para isso, precisamos de um tempo para se conscientizar e se apresentar como hoje a gente se apresenta, como quebradeiras de coco. Em qualquer lugar que a gente for, hoje, a gente se identifica como quebradeira.  Em nome dessas sete e de todas as outras mulheres  que não estão aqui, nós gostaríamos de agradecer,  Dizendo... Obrigada!  Obrigada!  E obrigada!  E convidar todos vocês, se quiserem, a subir aqui no palco.  Com a gente dançar, essa é a última música  e ela tem o título: "Eu sou feliz é quebrando coco." |
| Show encantadeiras, elas cantam.  Público sobre no palco se juntando as Encantadeiras.  Nomes das encantadeiras aparecem de acordo com a aparição delas na tela durante esse momento do show. | (Música Encantadeiras)  “Eu sou feliz é quebrando coco  É quebrando coco que eu sou feliz  Eu sou feliz é quebrando coco  É quebrando coco que eu sou feliz  Mulher, vamos se unir, nessa luta prosseguir  Se ficar aqui parada, nada vamos conseguir  Eu sou feliz é quebrando coco  É quebrando coco que eu sou feliz  Se fizer plano de roça e na roça não plantar  Não vamos ter a colheita para nos alimentar  Eu sou feliz é quebrando coco  É quebrando coco que eu sou feliz  Com a roça e a fabriqueta  Nós vamos ter que lutar  Depois ver como é que tudo  A vida vai melhorar  Eu sou feliz é quebrando coco  É quebrando coco que eu sou feliz”  "A vida de Dona Dijé segue inspirando jovens quebradeiras de coco, quilombolas e povos tradicionais a lutarem por seus direitos." |
| Encantadeiras caminham no fim do show em direção ao estacionamento.  Créditos Finais | (Música Encantadeiras) |